

ARTE E FILOSOFIA: a perspectiva da estética dialética e hermenêutica como ensino e pesquisa em filosofia*

ART AND PHILOSOPHY: the perspective of dialectic and hermeneutic aesthetics as teaching and research in philosophy

ARTE Y FILOSOFIA: la perspectiva de la estética dialéctica y hermenéutica como enseñanza e investigación en filosofía

Almir Ferreira da Silva Junior

Resumo: O presente artigo tem como objetivo justificar o idealismo estético hegeliano e a estética hermenêutica de Gadamer como propostas relevantes para o ensino e pesquisa na graduação em filosofia. Para tanto, tomaremos como fundamento algumas referências anunciadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nas Diretrizes Curriculares para o Curso de Filosofia, propostas pelo Conselho Nacional de Educação, bem como a pluralidade de horizontes que emergem da relação conceitual entre filosofia e estética. Ressaltaremos o problema da arte e verdade como discussão filosófica central contemplada na estética hegeliana e na ontologia hermenêutica de Gadamer, bem como a importância que esses horizontes investigativos apresentam enquanto propostas de ensino e pesquisa estética na graduação em filosofia.

Palavras-chave: Estética. Dialética. Hegel. Hermenêutica. Arte. Verdade. História. Ensino.

Abstract: This article aims to justify Hegel's aesthetics idealism and Gadamer's hermeneutics aesthetics as important proposals for teaching and research in undergraduate courses of Philosophy. For this, it is taken as basis some references announced in the National Curriculum Parameters and in the Curriculum Guidelines for the Course of Philosophy, proposed by the National Education Council, as well as the plurality of horizons that emerge from the conceptual relationship between philosophy and aesthetics. The question of art and truth is emphasized as the central philosophical discussion considered in Hegel's aesthetics and in Gadamer's hermeneutic ontology, as well as the importance that those investigative horizons present while proposals of aesthetics teaching and research in undergraduate courses of Philosophy.

Keywords: Aesthetics. Dialectics. Hegel. Hermeneutics. Art. Truth. History. Teaching.

Resumen: Esta artículo tiene por objeto justificar el idealismo estético hegeliano y la estética hermenéutica de Gadamer como propuestas pertinentes a la enseñanza y la investigación de pregrado en filosofía. Para ello, vamos a tomar algunas referencias como base del anuncio en el Currículo Nacional y Lineamientos Curriculares para el Curso de Filosofía, propuestos por el Consejo Nacional de Educación, y la pluralidad de perspectivas que surgen de la relación conceptual entre la filosofía y la estética. Vamos a poner de relieve el problema del arte y la verdad de la discusión filosófica central contemplado en la estética de Hegel y en la ontología hermenéutica de Gadamer. Además de la importancia que estos horizontes de investigación significan como propuestas para la enseñanza y la investigación en la estética de la filosofía de pregrado.

Palabras clave: La estética. La dialéctica. Hegel. La hermenéutica. El arte. La verdad. La historia. La enseñanza.

1 INTRODUÇÃO

Dentre as diversas indagações filosóficas, a investigação sobre a estética não apenas se manifesta como uma questão clássica com desdobramentos modernos, mas também se constitui uma das grandes matrizes temáticas, atualmente, privilegiadas no ensino da filosofia tanto em nível do ensino médio quanto na gra-

duação e pós-graduação. Suas reflexões suscitam um amplo horizonte de pesquisas que vão desde a discussão sobre a *mimesis*, crítica do gosto, a arte como experiência de verdade, como expressão de uma "indústria cultural", testemunho de uma "sociedade espetáculo" ou mesmo de um "sensível partilhado", etc.

* Esse texto é uma versão elaborada da comunicação apresentada no IX Simpósio Sulbrasileiro do Ensino de Filosofia na Universidade Metodista em março de 2010 em Porto Alegre

Artigo recebido em abril 2011

Aprovado em maio 2011

Uma vez que esse domínio nos insere na discussão sobre o *homo aestheticus*, no conjunto de seus problemas histórico-temáticos acerca da *aisthesis*, da arte, do belo e de outros fenômenos estéticos, o seu ensino tem se ampliado, significativamente, no nível médio e nas instituições universitárias. Se por um lado, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997) apontam que a proposta de uma educação cidadã apresenta seus fundamentos pedagógicos e administrativos ancorados em valores estéticos, éticos e políticos, ressaltando a proposta de uma “estética da sensibilidade” como um dos princípios de transversalidade, por outro, as *Diretrizes Curriculares para o curso de Filosofia* (Parecer CNE/CES nº. 492/2001) recomendam a Estética como um domínio de conteúdo a integrar a matriz curricular das graduações em filosofia - licenciatura e bacharelado. Isto significa o reconhecimento dos problemas filosóficos estéticos como referenciais significativos para interpretarmos e compreendermos a totalidade das experiências que integram o mundo sócio-político e cultural dos homens. O domínio estético é então abordado como expressão do pensamento e submetido ao *logos* filosófico, permitindo-nos refletir sobre sentimentos e prazeres desinteressados ou mesmo sobre as possibilidades criativas de transfiguração e compreensão da realidade em seus diversos horizontes.

Restringindo-nos ao ensino da graduação e mais precisamente a referenciais da estética filosófica como elemento de formação, o nosso propósito é ressaltar a importância do ensino e da pesquisa acerca da Estética na graduação, considerando as perspectivas dialética e hermenêutica de G.W.Hegel e Hans-Georg Gadamer. Para tanto, tomaremos como ponto de partida uma breve exposição conceitual sobre a estética, em seu caráter filosófico e, posteriormente, uma sucinta apresentação dos fundamentos dialéticos da estética hegeliana e da estética hermenêutica de Gadamer. Por último, destacaremos algumas inferências teórico-conceituais como indicadores de questões e problemas relevantes a serem abordados como proposta de ensino e pesquisa estética na graduação.

2 ESTÉTICA E FILOSOFIA

A estética constitui-se como uma análise que revela uma experiência singular e decisiva entre o homem e a realidade. Trata-se de uma reflexão que, na fundamentação dos seus princípios teóricos, elege e submete a nature-

za tangível do real - a *aisthesis* - à autonomia da razão, redescobrimdo, nesse intento, uma pluralidade de aparências e um mundo transfigurado repleto de sentidos. Uma vez que a natureza e o mundo criado pelo homem constituem uma realidade cheia de sentido, tudo que os constitui em suas respectivas amplitudes fenomênicas se mostra e, ao aparecer, impressiona nossa percepção. Se de modo imediato, ser vivo no mundo é expor-se enquanto presença sensível, contemplar as coisas como nos aparecem, por outro lado sua condição estética também implica em sua capacidade de modificá-las e realçá-las mediante habilidades criativas e talentosas.

Em seu caráter filosófico, a estética lança um convite à reflexão do sensível - *aisthesis*, o conceito fundante da estética - não simplesmente como experiência originária do existir e do conhecer, mas também como projeção contemplativa e transgressora do real, na medida em que, por exaltação ou insatisfação, os seres humanos alteram o sentido imediato da exterioridade e emitem um parecer sobre o mundo. Submetidos à diversidade das aparências, se por um lado, somos envolvidos pela pluralidade e pelo fascínio das imagens, por outro, reagimos ao curso ordinário de suas exposições e respondemos a ele mediante uma transfiguração de aparências revelando distintas expressões do belo e criações artísticas.

Pensar o sensível do ponto de vista de sua autonomia, buscando em suas manifestações uma racionalidade que justifique suas contemplações, a expressão de um gosto e um domínio de realizações humanas regido pelas leis da beleza: eis o que confere especificidade da especulação estética. Ao longo da história do pensamento, as reflexões estéticas foram sustentadas por diferentes abordagens e definidas a partir de distintos problemas. Todavia, se a especulação sobre *aisthesis*, *póiesis*, *techne* e *kállos* nos remontam à tradição clássica da filosofia; apenas na época moderna a estética foi legitimada em sua autonomia como conhecimento, sendo consequentemente definida por Alexander Baumgarten¹ como ciência do sensível. Trata-se de uma reflexão filosófica de caráter eminentemente racionalista que se propõe a pensar o domínio do sensível, embora reduzido a uma esfera de conhecimento inferior. Desse modo, a estética se revela como um discurso filosófico moderno estruturando suas análises a partir do paradigma da subjetividade moderna. Seus principais representantes são teorias filosóficas que pensam as experiências

da arte, do belo e do sublime como expressões do sentimento, do juízo do gosto (Kant), mas também como produto da Razão (*Vernunft*), verdade histórica do Pensamento (Hegel). Ademais, sua mediação para o pensamento contemporâneo, dentre várias abordagens metodológicas, suscita discussões que contemplam sua relação com ciência, com a indústria cultural e o mundo da técnica, assim como sua desconstrução enquanto discurso da consciência científica moderna, em benefício de sua abordagem enquanto acontecimento ontológico e expressão dialógica da finitude sob os efeitos da história.

Como a relação estética-hermenêutica nos indica várias direções em suas abordagens, tomamos como referência para justificar a importância das perspectivas de estudos estéticos na graduação em filosofia e, conseqüentemente, melhor definir o propósito da presente análise, a diretriz nuclear da estética da formatividade desenvolvida por Luigi Pareyson (1997, p. 5): "a estética é filosofia justamente porque é reflexão especulativa sobre a experiência estética, na qual entra toda experiência que tenha a ver com o belo e com a arte". Segundo o hermenêuta italiano, a elucidação do caráter filosófico da estética implica na sustentação do seu caráter concreto mediante o apelo à experiência direta do fenômeno da arte; do contrário a mesma pode restringir-se à pura especulação e reduzir-se a um mero jogo verbal. Em sua condição especulativa e não normativa, cabe à estética, fundamentalmente, discutir e problematizar a natureza e significados dos fenômenos estéticos na diversidade de suas manifestações históricas. Sem dispensar precisões conceituais universais, sua tarefa é realizada extraindo dados da experiência e seu caráter crítico decorre necessariamente de sua disposição à abertura e historicidade da experiência.

Com base nesse fundamento, selecionamos investigações estéticas que desenvolvem suas especulações sobre o belo e arte não somente como juízos ou reflexos de uma subjetividade isolada, mas como expressões de verdades históricas devidamente contextualizadas a partir de relações concretas entre Razão e finitude e do caráter de verdade da arte – a estética dialética de Hegel e estética hermenêutica de Gadamer.

3 HEGEL E A ESTÉTICA: o belo artístico como produto da Razão

De modo categórico e devidamente justificado, os *Cursos de estética (Vorlesungen*

über die Ästhetik, 1835) apresentam como ponto de partida a definição da estética como filosofia do belo artístico, o que somente pode ser entendido mediante a compreensão sistêmica da filosofia e o desdobramento histórico-dialético da Razão (*Vernunft*) nos limites da finitude sensível. A abordagem filosófica do belo artístico implica em submetê-la um "esforço conceitual"², abarcando-o, não abstratamente como um mero objeto no mundo da existência, de acordo com os esquemas unilaterais e fixos de um pensamento conceitual, mas pensando-a na dinâmica e necessidade interior do seu conceito.

A filosofia da arte, forma, pois, um elo necessário no conjunto da filosofia e só à luz desse conjunto compreende-se "como uma totalidade orgânica em si mesma, que se desenvolve a partir do seu próprio conceito e, em sua necessidade de se relacionar consigo mesma, como um todo que retorna a si, se une a si como um mundo de verdade" (HEGEL, 1999, p. 47). Cada parte da filosofia apresenta sua singularidade identificada e reconhecida como particularização do universal, pois é somente na recondução à unidade que a unilateralidade é ultrapassada como absolutização de um momento e a Razão (*Vernunft*) reconhecida como seu fundamento. Eis o que legitima o caráter de uma fundamentação científica da arte em sua indispensável referência espiritual e, conseqüentemente, sua abordagem como realização efetiva (*Wirklichkeit*) da Razão. Pensar filosoficamente o domínio da arte é, por conseguinte, colocarmos-nos do ponto de vista da Razão. O Absoluto (*Absolut*) é efetividade enquanto determinação do seu próprio ser, pois seu processo de transformação é a negação de sua permanência em si, em seu fazer-se outro, alienando-se e realizando-se progressivamente. Auto-afirmando-se na infinitude de sua liberdade, põe-se como seu próprio mundo e, pressupondo-o como seu próprio ser, revela-se como passagem no interior de suas determinações sob a forma de um processo de revelação progressiva. Em sua definição como esfera de determinação do Absoluto, a arte constitui-se como apresentação (*Darstellung*) da Ideia na finitude (*Endlichkeit*). Pensando a si mesmo, o pensamento engendra a bela arte opondo-a à consciência imediata e finitude sensível.

Neste sentido, tomar a arte a partir do primado de Razão significa afirmá-la como manifestação do infinito na finitude, ou seja, como reconhecimento histórico do espírito (*Geist*) nas fronteiras do sensível. O fenômeno

da arte é um produto histórico da Razão, de modo que não podemos prescindir da mediação histórica para pensarmos filosoficamente a pluralidade de suas manifestações e as várias faces da beleza. Portanto, a estética implica, necessariamente, situar-se no próprio desdobramento histórico da Razão no interior do qual a mesma exteriorizou-se sob a licença poética do belo e da arte. Nesse sentido escreve Brás (1990, p. 28): “Se a arte é criação, a estética é reflexão e supõe, portanto, que seu objeto seja efetivamente constituído, desdobrado em toda sua dimensão histórica”.

Desse modo, a estética hegeliana desenvolve um discurso sobre a finitude sensível, admitido como horizonte necessário de realização da Razão. Todavia, se faz parte de sua natureza determinar-se na exterioridade e reconhecer-se nos limites da finitude, as criações artísticas são produtos espirituais, mas na condição de alterarem a feição imediata do sensível, negando-o e tornando-o espiritualmente mais verdadeiro. É sob essa perspectiva que podemos pensar a dialética histórica do Infinito na finitude, a relação entre arte e sensível e, conseqüentemente a uma ponderação especial sobre o conceito estético de aparência (*Schein*).

Embora o belo artístico corresponda ao cultivo da espiritualidade humana, suas determinações estão limitadas a um modo particular de manifestação do Espírito (*Geist*): o âmbito da finitude sensível. Referem-se apenas à apresentação (*Darstellung*) do divino no seio do sensível, de modo que, nesse domínio, constituem-se, particularmente, determinações livres e efetivamente verdadeiras. Além do saber imediato e sensível, outras formas trazem à consciência o Absoluto: a representação consciente subjetiva na Religião e o livre pensamento na Filosofia. Enquanto produto espiritual, a arte aponta para além de si mesma, ou seja para sua superação enquanto realização efetiva do Pensamento.

Ora, a Ideia não pode ser tomada como uma abstração separada do seu aparecer, de modo que no ato de exteriorizar-se, tudo depende de como o conceito se insere na exterioridade real. Se o exterior é independente da unidade de seus elementos, temos objetivações meramente abstratas; do contrário, o sinal da exterioridade constitui-se uma expressão da interioridade. Apenas atentando-se à condição de sua unidade conceitual podemos entender a Ideia como ponto de referência para a compreensão filosófica de algo. A existência

fenomênica (*Dasein*), ao apresentar-se como realidade em sua generalidade, refere-se à contingência accidental e não assume o caráter de verdade, pois apenas em parte refere-se ao efetivo. A efetividade, por sua vez, constitui-se como o conteúdo próprio da filosofia, ou seja, como o *dever ser* da Ideia - aquilo que, na passagem do contingente, permanece por ser eternamente presente.

Ao determinar-se, a Ideia progride no verdadeiro sentido do real. Exteriorizando-se numa existência definida, a Ideia objetiva-se, afirma-se no mundo da finitude sensível e manifesta-se de formas diferenciadas. Nesse horizonte de expressão, ela então se apresenta sob a singularidade do belo - “[...] o belo é a Idéia enquanto unidade imediata do conceito e de sua realidade, isto é, ele é a Idéia na medida em que esta sua unidade está presente de modo imediato no aparecer [*Scheinen*] sensível e real”. (Hegel, 1999 p.131). Sendo o belo o reflexo da Ideia na existência finita, resta buscar o horizonte de exteriorização em que a Ideia se apresenta como expressão singular, verdadeira e bela. A Ideia se concretiza como ideal e se mostra no mundo da arte, cuja individualidade comporta a síntese entre o universal da ideia e o particular inerente à forma exterior que a reveste. Enquanto um momento de triunfo da Razão sobre as necessidades da vida, a arte

consolida em duração o que na natureza é passageiro; um sorriso que desvanece rapidamente..., um olhar, um brilho de luz fugaz, bem como traços espirituais na vida dos seres humanos,...acontecimentos que vão e passam... tudo e cada coisa ela arranca da existência momentânea e também neste sentido supera a natureza (HEGEL, 1999, p.175)

Se, do ponto de vista da subjetividade, o homem emerge em criações poéticas, é exatamente porque, face a si mesmo, ele nega sua permanência natural. Além de estar inserido na exterioridade de um mundo comum submetido às referências de suas condições abstratas, ele vive, também, em uma realidade concreta de laços espirituais, organizados numa estrutura social e política, os quais proporcionam a manifestação de diferentes modos de vida. Projetando-se, desdobra-se; e efetivando-se, reconhece-se nas suas representações.

Uma vez que o caráter universal e absoluto das expressões artísticas conduz-nos à esfera do Pensamento, do Absoluto, este ao tornar-se para si nos remete à sua atividade prática, no impulso de reconhecer-se no imediatamente dado. Na medida em que imprime na realidade externa o “selo de sua interioridade”,

transforma-a em sua determinação, abstraindo-a de sua “dura estranheza” e levando-a ao nível de idealidade. Portanto, as criações artísticas constituem concretudes sob a forma de presenças reveladas, cujas determinações são consoantes ao progresso da ideia no real no horizonte de suas determinações particulares. É assim que a história da arte nos coloca diante de diferentes formas de expressão, distintas formas de figurações³ sensíveis. Ao extrair de si próprio sua aparência exterior de modo adequado, o Espírito, enquanto ideia em si e para si, ingressa na finitude sensível, buscando nas formas da sensibilidade – espaço e tempo – configurações dignas de revelar o seu conteúdo. O Infinito transparece sob as fronteiras do sensível, altera seu sentido imediato natural espiritualizando artisticamente a realidade prosaica e natural. O testemunho de sua presença então se revela, seja imediatamente através de edificações ambientais, seja sob a forma escultural atribuindo à matéria a perfeita encarnação do espírito; seja pelo desafio de libertar-se da espacialidade, na tentativa de exprimir sua interioridade subjetiva, via o jogo de luz e cor; ou de um modo mais radical pela vibração sonora da música – apenas um ponto no tempo – ou ainda, quando, afastando-se das formas da sensibilidade, representa a consciência subjetiva, através do artifício engenhoso da palavra: o som se torna palavra poética.

Sob os fundamentos do idealismo hegeliano, o pensamento sobre a arte nos coloca em uma encruzilhada: da mesma forma que o seu registro nos remete a pensar a Razão Absoluta nos limites da finitude, suas expressões não podem ser entendidas como um objeto esgotado nos limites de uma determinação exterior fenomênica. Sob o testemunho de sua manifestação apresenta-se um reaparecer do mundo finito sob as matizes da Razão. O que pode parecer uma atitude antiestética do pensamento hegeliano, ao assinalar o caráter de indigência e abstração do fenômeno, constitui-se como discurso filosófico sobre a finitude no progressivo processo de seu desdobramento histórico em decorrência das manifestações artísticas e culturais do humano. O caráter de negação da *aisthesis* aponta para a reabilitação poética da finitude criando a singularidade de um mundo.

4 A ESTÉTICA NO HORIZONTE DA HERMENÊUTICA: Gadamer e a arte

A ideia hermenêutica circunscreve o horizonte do pensamento contemporâneo determi-

nando-se em duas direções fundamentais. Por um lado, ela traduz um investimento de reflexão no universo genérico da interpretação; por outro, remete-nos a compreender a linguagem como *médium* privilegiado dessa nossa tarefa interpretante e compreensiva na qual nos determinamos como seres no mundo. A linguagem de modo algum pode estar dissociada da universalidade de nosso horizonte interpretativo por ser ela que articula nossa humanidade ao espaço da interpretação e compreensão dos fenômenos e acontecimentos, dentre eles a expressão do belo e o fenômeno da arte.

Entre as tantas experiências que vivenciamos enquanto seres naturais e históricos, a arte constitui-se, diz Gadamer (1993, p. 1), como aquela

“[...] que nos fala algo de modo mais imediato [...] respira uma familiaridade enigmática que prende todo o nosso ser, como se não houvesse aí nenhuma distância e todo encontro com uma obra de arte significasse um encontro com nós mesmos”.

Essa formulação implica algo determinante na reflexão estética gadameriana: sua força declarativa. A arte é declaração (*Aussage*), e o fato de dizer-nos algo insere-a na ordem de tudo aquilo que temos de compreender.

Assim, a hermenêutica propõe uma interpretação sobre o fenômeno estético – seja ele uma experiência do belo na natureza ou na arte – tendo em vista o processo de mediação pelo qual a existência humana constrói sua própria experiência de mundo, integra-se e forma sua própria tradição. Neste âmbito, sobressai a presença declarativa da arte radicada no caráter permanentemente presente da obra, sua especial atualidade (*Gegenwartigkeit*). Diz Gadamer (1993, p. 2): “Faz parte da experiência artística que a obra de arte sempre tenha seu próprio presente [...] que seja expressão de uma verdade que de modo algum coincida com a intenção de seu criador”. Na qualidade de obra, a arte é uma declaração atualizada.

Nessas considerações sobre o fenômeno artístico destacam-se dois aspectos constitutivos da hermenêutica: o ontológico e o referente à linguagem (*Sprachlich*). Uma reflexão hermenêutica sobre o domínio da arte tem, pois, o propósito de pensá-la em sua essência, indagando sobre a especificidade de seu modo de ser, sobre aquilo que a constitui, ontologicamente, como experiência e linguagem. Sua inesgotável capacidade de expressão, sempre aberta a novas integrações da existência humana revela em seu ser uma presença que,

no entanto, ultrapassa a limitação histórica (*geschichtliche Beschränktheit*). Por isso, enquanto expressão de verdade (*Ausdruck einer Wahrheit*), tal análise não se limita à simples busca do significado histórico-original de sua criação. Como esfera de realização humana, a arte é experiência que ultrapassa o próprio tempo, o que lhe confere um caráter específico quanto a sua temporalidade.

Assim, torna-se compreensível que a questão nuclear em torno da qual Gadamer desenvolve a relação temática hermenêutica e estética concentre-se, fundamentalmente, na dimensão interpretativa da obra de arte, tendo em vista o questionamento de seu sentido e a investigação de seu modo de ser. Eis o que estimula a discussão hermenêutica da arte. No entanto, a hermenêutica, além de assumir o desafio de atualizar a pergunta pela verdade da arte, o que implica sua compreensão como experiência hermenêutica propriamente dita como acontecimento histórico de linguagem, também nos convoca a uma leitura crítica sobre o processo de formação da estética como desdobramento do cientificismo moderno. A crítica hermenêutica dirigida à tradição científica da modernidade vincula-se a uma tendência contrária a reivindicação universal da metodologia científica, no âmbito da ciência moderna. Por isso, segundo Gadamer, em vez de a hermenêutica buscar assegurar-se por meio de regras, o que acarretaria a fragilidade de uma compreensão, seus fundamentos devem ser buscados em uma experiência de verdade que não se submeta cegamente ao ideal de seguridade da metodologia científica moderna. É no apelo às tradições mais antigas⁴ que o testemunho da arte é especialmente tomado como "[...] a mais insistente advertência à consciência científica, no sentido de que se reconheçam seus limites" (GADAMER, 1990, p. 2). Em sua particularidade, nela revela-se uma concepção de compreender que, todavia, não é instrumental.

Reivindicar para a arte seu valor de verdade constitui um grande impulso não só para valorizar a base ontológica de seu pensamento hermenêutico gadameriano, mas também implica a necessidade e o reconhecimento interpretativo de toda e qualquer experiência humana. Resgatar para a arte uma condição de tal importância resulta em reconsiderá-la, paradigmaticamente, como esfera privilegiada em que a verdade se expõe como experiência. Daí emerge o ponto de partida da clássica obra hermenêutica do século XX, "Verdade e método" (*Wahrheit und methode*).

Perguntar pela verdade da arte é desde já tomá-la como fenômeno hermenêutico, cuja compreensão só se torna possível por meio da análise ontológica da experiência artística. É na reflexão sobre seu modo de ser que a ontologia da obra de arte constitui-se como chave decifratória da experiência hermenêutica, anunciando, por sua vez, os elementos fundadores do compreender: sua disposição à abertura, à alteridade e ao âmbito da linguagem, horizonte radical que estabelece nosso encontro com o mundo.

Se, como anteriormente destacamos, o que torna hermenêutico o universo estético é o próprio caráter declarativo da obra de arte a partir do qual esta vem a nosso encontro, a análise sobre sua verdade não pode prescindir do conceito mesmo de experiência, "uma genuína experiência em obra, que não deixa inalterado aquele que a faz" (GADAMER, 1990, p.106). A arte é experiência hermenêutica, e, enquanto tal, sua análise remete-nos aos elementos essenciais que perfazem a natureza do conceito de experiência hermenêutica. Considerando sua essencial abertura, a presença da arte deve ser necessariamente pensada como experiência de finitude, de efetuação histórica (*Wirkungsgeschichte*) e, sobretudo, como experiência de linguagem (dialógica), cuja representação instaura uma específica declaração de verdade atualizada no tempo e celebrada na história.

5 A RELEVÂNCIA DA ESTÉTICA DIALÉTICA E HERMENÊUTICA COMO PERSPECTIVAS DE ENSINO E PESQUISA

Mediante a breve exposição sobre os fundamentos filosóficos pertinentes à teoria estética de Hegel e à hermenêutica estética de Gadamer, o nosso propósito agora é destacar a importância desses referenciais teórico-filosóficos para o ensino e pesquisa na graduação em filosofia, licenciatura ou bacharelado, considerando a pluralidade de questões suscitadas.

O ensino da estética nas instituições de ensino superior assume diversos horizontes tendo em vista, sobretudo, o interesse e as pesquisas estéticas desenvolvidas pelos professores que ministram a referida disciplina. Isto implica a oferta de cursos que privilegiem problemas ou autores ora mais tradicionais, ora mais modernos ou pós-modernos, ou mesmo um diálogo entre pensadores no propósito de ampliar o nível de investigação estético-filosófica. Todavia, do ponto de vista da formação dos graduandos em filosofia, ressalta-se con-

tinuamente a importância de autores e teorias clássicas por se constituírem referenciais a partir dos quais a cultura filosófica foi erigida e a tarefa crítica do pensamento exerceu o seu desdobramento, anunciando crise de paradigmas, propondo novas leituras e reorientando as próprias investigações estéticas.

Selecionamos duas matrizes teóricas da estética - a dialética e a hermenêutica - porque ambas desenvolvem suas reflexões a partir de experiências estéticas propriamente ditas, o que nos permitem análises junto a particularidades artísticas clássicas ou modernas, na tentativa de pensá-las filosoficamente.

Contemplá-las como referencial para o ensino e pesquisa justifica-se pela diversidade de questões histórico, ético-políticas e epistemológicas que as mesmas sugerem à problematização filosófica, conforme abaixo se segue.

A filosofia da arte hegeliana, enquanto referência para o ensino e para pesquisas estéticas na graduação, apresenta como mérito inicial o fato dessa perspectiva pensar a ideia do belo artístico fundamentalmente articulado à história - história da Razão -. Uma filosofia da arte não pode prescindir de sua determinação histórica mesmo porque sua reflexão revela os testemunhos do "espírito do tempo". A estética apresenta-se a nós como uma história da filosofia da arte, oferecendo-nos uma análise histórico-conceitual sobre as formas de artes particulares - arte simbólica, clássica e romântica - e, também, sobre a particularidade da Arquitetura, Escultura, Pintura, Música e Poesia; expressões de verdade na finitude.

Os *Cursos de estética* de Hegel nos oferecem uma abordagem filosófica sobre a dimensão estética, enfatizando a produção artística como necessidade espiritual histórica resultante do inscontentamento humano diante da regularidade das vicissitudes da natureza. Daí a importância de suas criações serem pensadas em sua relação dialética com a natureza. Tal horizonte promove uma discussão significativa acerca da identidade do *homo aestheticus* enquanto agente contemplador e transfigurador da realidade no exercício espiritual da Razão. Pensar a arte enquanto realidade efetiva significa, por conseguinte, questionar o outro lado de sua presença material e sensível vislumbrando as particularidades das experiências estéticas viabilizadas pelo belo natural e pelas belas artes.

Na qualidade de uma reflexão racional sobre o belo artístico, a estética de Hegel não deixa de ser uma obra dedicada à finitude sensível. Pois, se à arte é garantida uma autono-

mia considerável, é precisamente porque ela assegura à sensibilidade um lugar de verdade. Sua espiritualidade, no entanto, advém de uma necessidade geradora de conflito e negação que leva o pensamento a sobrepor-se aos mecanismos da natureza

Ultrapassando uma ponderação filosófica que reflete o domínio do belo como juízo do gosto e expressão de um sentimento desinteressado (Kant), Hegel reapresenta o problema clássico da verdade da arte, conferindo às suas manifestações o estatuto de verdade histórica. Porém, como está consignada às fronteiras do sensível sua verdade apresenta uma limitação ideal. A verdade da arte confere à particularidade do seu aparecer, um sentido que ultrapassa o significado de mero engano ou ilusão, colocando-nos diante de um processo dinâmico em que os fenômenos aparecem para nós e nos fazem pensar.

O problema da verdade da arte assume na estética de Hegel um caráter relevante, na medida em que o mesmo ainda instaura uma tese que se tornou paradigmática nas análises estético-filosóficas contemporâneas - o fim da arte. Tal anúncio que decreta uma formulação conhecida como "a morte da arte" implica na verdade sua afirmação, já que sua presença objetiva não foi exaurida como manifestação cultural. Sua atualidade, expressa no pensamento estético contemporâneo (Adorno, Benjamin, Heidegger, Gadamer, etc), indica os mais diversos desdobramentos e perspectivas de análise sobre a arte moderna, oportunizando uma interlocução promissora entre teorias estéticas contemporâneas e modernas.

A teoria estética hegeliana da idealização, enquanto última expressão da estética moderna, nos sugere diferentes leituras. Por um lado, um olhar nostálgico ao passado, rememorando um tempo em que a arte era verdadeiramente expressão de verdade; por outro, a consciência das efervescentes transformações sob as quais estavam submetidas as artes na modernidade, o que sugeria a necessidade de uma análise mais fecunda sobre os seus produtos.

A estética hermenêutica de Gadamer, por sua vez, assim como a perspectiva dialética hegeliana, apresenta como eixo central a exigência de analisar o domínio do estético e da arte à luz da experiência histórica da finitude. Das diversas abordagens inerentes à estética, a discussão hermenêutica enquanto perspectiva de ensino e pesquisa na graduação em filosofia ocupa um lugar central, não apenas

por submeter o fenômeno estético ao processo de interpretação, mas, sobretudo, porque essa reflexão mobiliza uma discussão sobre a relação entre modernidade e cultura estética, bem como confere ao fenômeno da arte, sua recuperação como experiência de verdade.

Analisar a dimensão da experiência estética no horizonte hermenêutico de Gadamer significa identificar as etapas de um procedimento que é paradigmático. Pensá-la, primeiramente, como procedimento de crítica, destruição e recuperação e, posteriormente, como desenvolvimento de uma reflexão sobre seu modo de ser, enquanto experiência de finitude essencialmente determinada pela noção de consciência histórica e pela cifra da linguagem. Por isso, não basta questionar a justificativa da experiência estética ou mesmo a experiência da arte - acontecimento de verdade - ser privilegiada como reflexão inicial acerca dos fundamentos da hermenêutica filosófica, em *Verdade e método*, mas investigar como é construída a argumentação que a sustenta em seu caráter paradigmático. Pensar a questão da verdade a partir da experiência da arte apresenta-se como condição de possibilidade hermenêutica para análise sobre a compreensão humana na tentativa de ampliar os seus horizontes interpretativos da realidade.

A esse propósito, uma leitura mais atenta desta obra, sobretudo, em seu primeiro momento, nos remete ao esclarecimento quanto ao uso das expressões "experiência estética e experiência da arte" em suas designações conceituais; termos usados, algumas vezes, quase que indistintamente. Independentemente da articulação que se possa fazer entre essas duas expressões, do ponto de vista de suas significações terminológicas, precisamos a respeito ter claro o seguinte: a expressão "estética" é utilizada tanto como caracterização da consciência - consciência estética -, como a partir do estatuto epistemológico cunhado nos tempos modernos a partir de Baumgarten (Estética) e com dedobramentos na filosofia de Kant e no neokantismo. A referência à estética representa para Gadamer não apenas a proposta de uma reflexão histórico-conceitual, mas de modo significativo e necessário o procedimento crítico-hermenêutico que propõe sua "destruição" enquanto um prolongamento do discurso científico moderno. A crítica aos pilares da filosofia moderna enquanto crítica da subjetividade, inevitavelmente se realiza sob a forma de uma crítica ao fenômeno da estetização dos conceitos humanísticos,

bem como à consciência estética, sobretudo a partir de Kant. Eis um elemento que fundamenta a especificidade das reflexões estéticas a partir do pensamento hermenêutico de Gadamer, possibilitando ainda uma discussão com o processo de legitimação das ciências humanas (*Geisteswissenschaften*).

Inserindo-se nessa argumentação sustenta-se a tese de que o desenvolvimento do conceito de "*aisthesis*", na conquista de seu estatuto epistemológico, ao longo do pensamento moderno, acarretou um "prejuízo" significativo à relação arte, pensamento e verdade⁵. Prejuízo aqui também entendido como *Vorurteil*, pré-condição inevitável para a compreensão - no sentido ontológico-heideggeriano - que nos distancia do esquecimento e nos projeta à abertura de novos questionamentos.

Ao que parece, a relação estética e hermenêutica, no modo como ela se desenvolve na filosofia de Gadamer, não nos oferece formulação sólida e objetiva de uma estética, nem tampouco de uma teoria sobre as artes. Entretanto, afirmar a especificidade dessas reflexões como um simples momento de desvio pode também parecer um tanto quanto insuficiente, para um pensador que reconhece na importância de pensar sobre a experiência misteriosa da arte um desempenho necessário para as ciências humanas, bem como uma experiência dialógica e confronto com nós mesmos.

A crítica à consciência estética desenvolvida por Gadamer, desde o começo de *Verdade e método* é, portanto, a crítica à estetização e subjetivação como tentativa de resgate do espaço e abertura da obra, abstraídos pela consciência estética e que nos remetem, como contraponto, ao resgate de sua historicidade. Da destruição da estética segue-se a resignificação do fenômeno da arte como tentativa de tornar inválida sua abstração de temporalidade e historicidade, asseguradas pela noção de consciência estética. Faz-se necessário reatar o laço rompido da obra com seu mundo.

A proposta hermenêutica de "destruição da estética" inaugura, assim, uma nova pergunta pela arte, cuja essência nos remete à sua reconsideração como acontecimento de verdade (*alétheia*). A recuperação de seu laço originário com o mundo, no entanto, está radicalizada em sua natureza histórica e linguística. Tal proposta de pensamento nos reorienta a contemplar a história da arte, no sentido de perceber na tradição das experiências artísticas o desvelamento concreto de um mundo constituído pela facticidade das condições sócio-históricas

e políticas que por sua vez se atualizam nas discussões contemporâneas acerca da estética

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância das duas propostas acima expostas emerge do universo de suas abrangências histórico-culturais. São reflexões estéticas que priorizam a concretude da experiência da arte na positividade de suas manifestações contextuais, oportunizando-nos um diálogo com a tradição, com as condições sócio-históricas do seu fazer e, também com os elementos subjetivos de sua fruição. Em um contexto de problematização da subjetividade na modernidade, a estética, nessas duas vertentes, culmina em uma discussão ética sobre a finitude e ontológica sobre a verdade, o que amplia, consideravelmente, sua interface com as ciências e com a cultura em geral. Desse modo, redimensionando o horizonte estético do belo artístico como momentos de verdade e experiência histórica da finitude nas quais os seres humanos se reconhecem e dialogam entre si, a estética dialética de Hegel e a estética ontológico-hermenêutica de Gadamer se constituem em propostas teórico-metodológicas que incrementam o ensino de filosofia na graduação. Ademais, a pluralidade de investigações suscitadas por essas teorias filosóficas privilegiam a possibilidade de uma ampla interdisciplinaridade com ciências humanas e naturais, com as teorias da arte e com filosofia como um todo, estimulando desdobramentos de questões acerca da relação estética e ética, arte e política, arte e linguagem, arte e cultura, arte e inconsciente, arte e ontologia etc.

NOTAS

1. É fundamental a leitura do texto de Baumgarten *AEstética: a lógica da arte e do poema*(1750), no qual o *estético*, embora definido como conhecimento inferior, é submetido a uma investigação que nos conduz ao fenômeno do belo e da arte. A esse propósito também é relevante consultar o texto *Homo aestheticus*.Cap.I e II (FERRY,1994)
2. A expressão “esforço conceitual” ou “esforço tenso do conceito” é usada por Hegel no prefácio à *Fenomenologia do Espírito*. Aí é ressaltada a importância e uma atenção criteriosa ao conceito no propósito do estudo da ciência. Registra-se, ainda, uma diferença hegeliana entre o “pensamento que raciocina” e o “pensamento conceitual”.
3. O termo figura (*Gestalt*) apresenta um significado especial na Estética de Hegel, designando a matéria espiritualizada propriamente dita, isto é o elemento sensível em que se manifesta o espí-

ritual, sendo portanto em si e por si significante

4. Essa experiência extracientífica de verdade é buscada por Gadamer em tradições valiosas, cujo esquecimento implica a necessidade de sua reabilitação como uma forma de considerável contribuição. Assim, tem-se a tradição retórica, a filosofia prática e a hermenêutica jurídica e teológica.
5. A possibilidade dessa hipótese não é indiferente a uma das máximas da estética hegeliana: a arte como manifestação sensível da ideia no horizonte do sensível define-se como momento de verdade.

REFERÊNCIAS

- BAYER, Raymond. *Historia de la estética*. Traducción de Jasmin Reuter. México Fondo de Cultura Económica, 2000.
- BRÁS, Gérard. *Hegel e a arte*. Rio de Janeiro: Zahar editora,1990.
- Diretrizes Curriculares para o curso de filosofia*. Parecer CNE/CES nº. 492/200.1
- FERRY, Luck. *Homo Aestheticus: a invenção do gosto na era democrática*. São Paulo: Ed. Ensaio, 2003.
- GADAMER.G.-H. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Tradução de F.P. Meurer. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- _____. *Wahrheit und Metod: grundzüge einer philosophischen Hermeneutik*. Gesammelte Werke 1, Hermeneutik I. 6 ed. Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1990.
- _____. *Ästhetik und Poetik I: kunst als Aussage*. Gesammelte Werke 8. Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck), 1993.
- _____. *Estética y hermenéutica*. 2 ed. Tradução de A.G. Ramos. Madrid: Tecnos, 1998.
- GRONDIN,Jean. *Introdução à hermenêutica filosófica*. Tradução de B. Dischinger. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999.
- HEGEL.G.W. *Cursos de Estética*. Tradução Marco Aurelio Werle e Oliver Tole. São Paulo: Edusp, 1999. V.I.
- _____. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome*. Tradução Artur Morão. Lisboa: edições 70, 1993. V. III.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.